

Artesanato: alternativa ao turismo sustentável em Santo Antonio do Pinhal, SP¹

Rosângela Sant'Ana¹
Fábio Ricci²

Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar a percepção dos proprietários de oito ateliers e turistas referentes ao sistema turístico do Município de Santo Antônio do Pinhal, Estado de São Paulo (SP). Trata-se de pesquisa aplicada, bibliográfica, de levantamento e descritiva com abordagem quali-quantitativa. Foram selecionados 12 artesãos, para a primeira etapa do estudo, em virtude de possuírem a mesma filosofia de trabalho, ou seja, visarem o desenvolvimento do turismo sustentável. De acordo com os resultados obtidos, percebeu-se que referente a algumas variáveis a percepção do artesão faz correlação com a dos turistas, mas, muitas vezes não. Portanto, entende-se, conforme a literatura, que para se desenvolver o turismo local são necessárias estratégias, parcerias em arranjos produtivos e, principalmente, apoio do poder público.

Palavras-chave: Artesanato; Turismo; Sustentabilidade; Santo Antônio do Pinhal.

Introdução

O turismo é uma atividade que ultrapassa os setores convencionais da economia, requerendo dados de natureza econômica, social, cultural e ambiental.

Os dados econômicos brasileiros mostram uma forte relação entre o ambiente econômico e o crescimento do turismo em todo o mundo. O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) potencializa o crescimento turístico, tanto no sentido positivo quanto negativo, no período entre 1975 e 2000, o turismo cresceu a um ritmo médio de 4,4% anual, enquanto o crescimento econômico mundial médio, medido pelo PIB, foi de 3,5% ao ano (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006).

No Cone Leste Paulista circula cerca de 14 milhões de turistas domésticos por ano, apenas o município de Aparecida responde por oito milhões de visitantes, o Litoral Norte e a Serra da Mantiqueira, onde se destacam os municípios de Campos do Jordão e Santo Antônio do

¹Trabalho apresentado ao GT – Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo.

² Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, r.santana@directnet.com.br.

³ Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, fabioricci@uol.com.br.

Pinhal, juntos recebem cinco milhões e o restante está distribuído nas outras cidades do Cone Leste Paulista (GAZETA MERCANTIL 2006).

Este estudo teve por objetivo analisar a percepção de proprietários de oito ateliers e de turistas referente ao sistema turístico do Município de Santo Antônio do Pinhal, Estado de São Paulo. Como complemento, pudemos caracterizar os ateliers, avaliar o artesanato local produzido e identificar o perfil dos turistas.

Materiais e Métodos

A pesquisa foi realizada na estância climática de Santo Antônio do Pinhal, região do Cone Leste Paulista, Estado de São Paulo, por oferecer uma variedade de atratividades turísticas como o artesanato local. Foram realizadas pesquisas em dois tipos de amostragem não probabilística: 26 turistas em baixa temporada e 34 em alta temporada de inverno, totalizando sessenta indivíduos visitantes deste local para a coleta dos dados da pesquisa.

As perguntas foram destinadas aos 12 artesãos, e estes, foram divididos, sendo seis mulheres e seis homens, as quais, foram respondidas por meio de dois formulários compostos por questões semi-abertas: um com vinte questões, sendo um destinado aos proprietários de ateliers, e o outro, com 17, aos turistas que já visitaram esses locais.

Os dados foram coletados entre o final do mês de junho, durante o mês de julho e início de agosto de 2006 em função do calendário da pesquisa. Primeiramente, a pesquisadora abordou os artesãos, explicando-lhes os objetivos e a importância do estudo, cada um, ao aceitar participar do estudo assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para a execução da pesquisa.

Resultados

Segundo a coleta de dados foi revelada uma distribuição de artesãos por parcerias locais em busca do desenvolvimento turístico sustentável é apoiada por 92%.

Observa-se que distribuição de artesãos por parcerias locais está em conformidade com os princípios do turismo sustentável ressaltado por Swarbrooke (2000) e Rushmann (1997),

¹Trabalho apresentado ao GT – Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo.

² Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, r.santana@directnet.com.br.

³ Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, fabioricci@uol.com.br.

devendo haver uma parceria entre os atores envolvidos no processo: artesãos, turistas, sociedade, órgãos públicos, instituições privadas e organizações não-governamentais (ONG's).

No entanto, quanto ao tipo de parceria, a mesma pesquisa revela ainda que, o índice de maior parceira está entre os próprios artesãos 67%, seguido pelos restaurantes 41%, excluindo-se artesanatos ou panfletos nos tipos de estabelecimento.

Em relação à variável número de turistas que o município recebe por dia em baixa e alta temporada, a coleta aponta que na alta temporada a Olaria Paulista, localizada no Shopping de Santo Antônio do Pinhal apresenta maior número de turistas (trinta), seguida pela Serra Rústica (20) e pela Prata D’Lua (20). Já, na baixa temporada, a Serra Rústica recebe mais turistas (15) que os demais *ateliers*, seguida da Olaria Paulistana (cinco) e da Prata D’Lua (cinco). Os três estabelecimentos têm maior frequência de turistas tanto em baixa como em alta temporada por estarem localizados no centro da cidade, embora este fator é indicado pelos artesãos como de pouco importância para sua visitação.

Estes dados estão correlacionados à variável infra-estrutura observada como precária pelos proprietários de *ateliers*. Segundo Angel (2001), a demanda de visitantes é influenciada pelo sistema turístico adequado e eficiente, o que não ocorre em São Antônio do Pinhal-SP.

Com relação às técnicas utilizadas pelos artesãos, cada um deles tem seu diferencial demonstrado a seguir. O atelier Jardins de Barro, cujo produto é a cerâmica, utiliza técnicas de modelagem em torno e queima da cerâmica em forno elétrico. Morito Móveis, que tem móveis, cadeiras e mesas, utiliza a marchetaria com madeiras, sem pregos e colas, elaborado mediante a anatomia humana.

Já o atelier Feitiço das Rosas, que comercializa flores e arranjos, faz a esqueletização (retirada da clorofila da folha de plantas em soda cáustica), clareamento em cloro e tingimento de folhas. A Ophicina das Artes, cujo produto são as velas, utiliza a parafina e reaproveitamento de elementos naturais (sementes, flores, madeiras, conchas, bambu e essência). Mistura cores e perfumes, resultando em combinações inusitadas.

O Recanto Terra Forte, que fabrica móveis, luminárias e utensílios, faz a reciclagem (madeira, metais, ferro, vidros, plásticos, fibras e sementes). Transformação de lixo em arte

¹Trabalho apresentado ao GT – Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo.

² Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, r.santana@directnet.com.br.

³ Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, fabioricci@uol.com.br.

funcional. A Prata D’Lua que fabrica jóia utiliza a técnica da confecção com prata, cobre, sementes, couro, madeiras, frutas, pedras semipreciosas e sintéticas.

O atelier Olaria Paulistana que produz cerâmica queimada utiliza a pintura feita pelo turista e queimada em forno de alto grau, e por último a Serra Rústica cujos produtos são os móveis, baús, mesas e luminárias, realiza a marchetaria em madeiras de reflorestamento e reaproveitadas da construção, transformadas em móveis.

Segundo, Consoante Freitas (2006), os *ateliers* de Santo Antônio do Pinhal apresentam potencial de produto turístico, principalmente porque cada tipo de produção artesanal possui características próprias. Quanto à destinação do artesanato, a maioria 91% produz para o próprio município, seguido da cidade de São Paulo 75%.

Referente à produção mensal de artesanato, o *atelier* que mais produz é a Ophicina das Artes, numa quantidade de mil velas ao mês devido ao simples processo artesanal de itens de pequeno porte e baixo custo. Em segundo, aparece a Olaria Paulistana com uma produção de quatrocentas peças em cerâmica, talvez considerando a sua localização no centro da cidade.

Por outro lado, o que menos produz é a Serra Rústica, numa média de quatro móveis ao mês, pois apesar de estar situado no centro da cidade, seu produto artesanal é de grande porte e requer mais tempo de trabalho, devido à técnica minuciosa de marchetaria que tem maior valor agregado em termos de custo.

Em relação ao meio ambiente, os proprietários de *ateliers* que demonstraram preocupação utilizaram estratégias próprias, descritas a seguir.

A Ophicina das Artes que além da parafina, trabalha com recursos naturais e materiais reciclados, pois as velas são artesanais e muitas vezes ornamentadas com folhas, lascas de frutas, sementes e flores. Os artesãos, deste recinto, acreditam que não produzem poluição ou resíduos, uma vez que reaproveitam as sobras de parafina.

Na Olaria Paulistana, a artesã tenta reduzir ao máximo o descarte de argila e tinta a óleo no esgoto municipal, reaproveitando as matérias-primas; já o Feitiço das Rosas, trabalha com recursos naturais, utilizando folhas residuais de podas de árvores, folhas secas e flores descartadas pelas floriculturas da cidade. A grande preocupação da proprietária deste *atelier* é referente à soda cáustica e ao cloro, duas substâncias químicas necessárias para o processo de produção de suas rosas.

¹Trabalho apresentado ao GT – Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo.

² Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, r.santana@directnet.com.br.

³ Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, fabioricci@uol.com.br.

O atelier Prata D’Lua preocupa-se com a emissão de gases, haja vista que trabalha com maçarico queimando gás liquefeito de petróleo (GLP) – composto por butano e propano – e oxigênio para a emissão de chamas, as quais derretem a prata para torná-la maleável para o molde de jóias como anéis, correntes, pingentes, pulseiras e brincos, precisaria de um filtro para reduzir os efeitos negativos que seu processo artesanal causa ao meio ambiente.

O Recanto Terra Forte tem à frente uma pessoa que lidera o grupo de artesãos, a qual promove em seu estabelecimento a conscientização ecológica dos turistas. Em seu processo artesanal utiliza recursos naturais, como resíduos de madeira da Serra da Mantiqueira. O artesão aproveita, ao máximo, materiais recicláveis visando um equilíbrio do meio ambiente.

No atelier Jardins de Barro como matéria prima, recicla resíduos da argila para não sujar o leito dos rios. A pequena produção com a utilização dessa matéria prima é considerada ecologicamente correta.

Os artesãos da Morito Móveis utilizam madeiras provindas de regiões ainda não reconhecidas como em estado crítico de desmatamento. Oferecem resíduos do processo artesanal às fazendas e aos haras locais. Não utiliza madeira denominada ecológica, uma vez que tem conhecimento que durante o beneficiamento passa por um processo químico e de estufa, o qual faz com que a madeira torne-se mais leve e, ao mesmo tempo, tenha um índice de durabilidade reduzido em 50%, uma vez que uma madeira tradicional dura cerca de vinte anos, enquanto uma ecológica, apenas dez. Além de ser mais frágil, o preço da madeira ecológica é mais alto.

E por fim, a Serra Rústica, que não compra matéria prima de madeiras, aproveita material reciclado de municípios adjacentes. Percebe-se que esse grupo de artesãos não está preocupado apenas em divulgar seu artesanato, mas propõe também adequar suas práticas produtivas ao cuidado quanto à preservação do meio ambiente. Utilizando-se de recursos naturais e culturais, ajuda a criar uma identidade.

Discussão

Baseando-se em Ruschmann (1997), Irving (2002), e Leff (2001), os artesãos buscam pela integração sócio-econômico-cultural por meio de um grupo mesclado de produção artesanal

¹Trabalho apresentado ao GT – Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo.

² Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, r.santana@directnet.com.br.

³ Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, fabioricci@uol.com.br.

reunindo-se, freqüentemente, uma vez ao mês para trocar idéias, adquirir novos conhecimentos e aprender um com outro mediante *benchmarking*. A idéia do grupo é promover artesanato cultural com qualidade e bom atendimento, entretanto, sem apoio da Prefeitura Municipal de Santo Antônio do Pinhal. De modo geral, os artesãos reivindicam que a Prefeitura Municipal instale uma sinalização para que o turista, ao chegar à cidade, saiba como ir até o destino.

Quanto à percepção dos turistas, fundamentou-se, em especial no estudo de Oliveira (2005) realizado no município de Santo Antônio do Pinhal em 2004, referente à hospitalidade e à qualidade de atendimento oferecido ao turista da pousada.

Refente ao local de origem dos turistas, a pesquisa mostra que o maior número de visitantes na baixa temporada 62% é do Vale do Paraíba Paulista. Acredita-se que este fenômeno ocorre devido à proximidade dos municípios.

A origem dos visitantes confronta a percepção do artesão quanto ao perfil do turista e os resultados do estudo realizado em 2004, por Oliveira (2005), em Santo Antônio do Pinhal, no qual a maior freqüência, tanto na baixa temporada quanto na alta, seria de turistas oriundos da capital de São Paulo.

Entretanto, existe um cunho de realidade na pesquisa quanto à origem de visitantes ser da Capital Paulista na alta temporada, com a predominância 42%, em consideração ao período de férias escolares.

Enquanto na alta temporada houve predominância pelo guia turístico, resultado este que faz correlação com o apontado pelos artesãos, entretanto confrontando o perfil da pesquisa de 2004 de Oliveira (2005), que indicou a *internet* como forma de optar pelo município. Muitos turistas têm o hábito de visitar o município com uma certa freqüência 62% em baixa temporada.

Já, na alta temporada, a maior freqüência é de pessoas que visitam o município pela primeira vez 44%, fazendo correlação com os dados de Oliveira (2005). Isso pode indicar que há um potencial de ampliação do índice de retorno na alta temporada.

E por fim, a pesquisa aponta que grande parte 42% dos turistas de baixa temporada não tem preferência pela época de visitar o local. Entretanto, os participantes da pesquisa durante a alta temporada, preferem este período por estarem em férias juntos com seus filhos.

¹Trabalho apresentado ao GT – Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo.

² Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, r.santana@directnet.com.br.

³ Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, fabioricci@uol.com.br.

Conclusão

O estudo caracterizou os *ateliers*, e avaliou o artesanato local produzido a fim de identificar o perfil dos turistas.

Desta forma, o grupo pesquisado, composto por 12 artesãos, que possui uma filosofia voltada para o desenvolvimento do turismo sustentável, produz artesanatos considerados pelos turistas como originais e com excelente qualidade. Porém, a maioria dos *ateliers* está localizada na Zona Rural do município, com difícil acessibilidade, tendo em vista a má-condição das estradas. Outro fator negativo apontado pela pesquisa foi a inexistência de sinalização de indicação dos *ateliers*, seguindo-se a falta de divulgação do artesanato local como produto turístico e, como fator mais criticado por artesãos e turistas sobressai o desinteresse e a falta de comprometimento do órgão público municipal.

Observou-se que a má conservação das estradas, a falta de sinalização de indicação dos atrativos turísticos e a pouca divulgação do artesanato, exercem influência negativa na visitação de turistas. Isso pode estar correlacionado com o fato de que os turistas não reconhecem o artesanato como um dos principais atrativos turísticos locais.

Como conclusão geral, notou-se um grande número de alternativas turísticas como, restaurantes, pousadas, pesqueiros e artesanato para o progresso turístico em Santo Antônio do Pinhal, assim, essa investigação, colaborou com a análise do artesanato no município. A diversidade dessas atividades feitas pelos artesãos que produzem grandes peças através de encomendas, não admitiu apenas o recurso de exposição em “feirinhas”.

Referências

ANGEL, M. N. B. **Planejamento e organização em turismo**. 3 ed. Campinas: Papyrus, 1981.

FREITAS, A. L. C. **Design e artesanato**: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto. 140 f. 2006. Dissertação [mestrado] – Gestão pela Qualidade e Desenvolvimento de Produtos, Escola de Engenharia, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

GAZETA Mercantil. Dados turísticos. Disponível em: <<http://www.gazetamercantil.com.br>>. Acesso em: 20 abr. 2006.

¹Trabalho apresentado ao GT – Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo.

² Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, r.santana@directnet.com.br.

³ Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, fabioricci@uol.com.br.

IRVING, M. A. Participação – questão central na sustentabilidade de projetos de desenvolvimento. In: IRVING, Marta de Azevedo; AZEVEDO, Júlia. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINISTÉRIO do Turismo. Crescimento do PIB. Disponível em: <institucional.turismo.gov.br/.../parser/ministerio/acoes/projeto.cfm?id=10D99A05-B3B9-F1F0-C0D73D17D50F7250>. Acesso em: 14 set. 2006.

OLIVEIRA, A. P. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 10 ed. Campinas: Papirus, 1997.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. Tradução de Margarete Dias Pulido. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2000.

¹Trabalho apresentado ao GT – Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo.

² Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, r.santana@directnet.com.br.

³ Universidade de Taubaté/ Departamento de Pós-Graduação, Rua Visconde do rio Branco 210- Centro Taubaté-SP, fabioricci@uol.com.br.